

REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

O MONSTRO E A EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO ÉTICA A PARTIR DA FIGURA DO MONSTRUOSO NA CULTURA E NA LITERATURA

THE MONSTER AND EDUCATION: AN ANALYSIS OF ETHICAL FORMATION BASED ON THE FIGURE OF THE MONSTROUS IN CULTURE AND LITERATURE

EL MONSTRUO Y LA EDUCACIÓN: UN ANÁLISIS DE LA FORMACIÓN ÉTICA A PARTIR DE LA FIGURA DE LO MONSTRUOSO EN LA CULTURA Y LA LITERATURA

Yasmin Ferreira Freitas[1]

e62305
https://doi.org/10.63026/acertte.v6i2.305

PUBLICADO: 04/2026

RESUMO

Este artigo analisa a figura do monstro em diferentes contextos culturais e narrativos. Inicialmente, apresenta-se a origem do termo e sua evolução simbólica desde a Idade Média até a cultura contemporânea. Em seguida, examinam-se representações do monstro na literatura, nos mitos e em produções culturais modernas, destacando suas funções simbólicas e narrativas. A análise demonstra que essa figura assume significados múltiplos e frequentemente dicotômicos, podendo representar tanto o mal externo quanto o mal interior. Conclui-se que as interpretações do monstro revelam distorções da moralidade humana e podem servir como instrumento de crítica à ética.

PALAVRAS-CHAVE: Monstro. Ética. Literatura. Narrativa. Educação.

ABSTRACT

This article analyzes the figure of the monster in different cultural and narrative contexts. Initially, it presents the origin of the term and its symbolic evolution from the Middle Ages to contemporary culture. Then, it examines representations of the monster in literature, myths, and productions in modern cultures, highlighting its symbolic and narrative functions. The analysis demonstrates that this figure assumes multiple and often dichotomous meanings, being able to represent both external and internal evil. It concludes that interpretations of the monster reveal distortions of human morality and can serve as an instrument of critique of ethics.

KEYWORDS*: Monster. Ethics. Literature. Narrative. Education.*

RESUMEN

Este artículo analiza la figura del monstruo en diferentes contextos culturales y narrativos. Inicialmente, se presenta el origen del término y su evolución simbólica desde la Edad Media hasta la cultura contemporánea. A continuación, se examinan las representaciones del monstruo en la literatura, los mitos y las producciones culturales modernas, destacando sus funciones simbólicas y narrativas. El análisis demuestra que esta figura asume significados múltiples y frecuentemente dicotómicos, pudiendo representar tanto el mal externo como el mal interno. Se concluye que las interpretaciones del monstruo revelan distorsiones de la moralidad humana y pueden servir como instrumento de crítica a la ética.

PALABRAS CLAVE: *Monstruo. Ética. Literatura. Narrativa. Educación.*

[1] Graduada em Línguas, Literaturas e Culturas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde desenvolveu pesquisas nas áreas de Linguística e Cultura. No campo da Linguística, realizou estudo sobre o bidialetalismo em crianças, em colaboração com o Lisbon Baby Lab da Universidade de Lisboa. Na área de Cultura, publicou um ensaio no *Trends and Culture Management Lab* da mesma instituição. Possui pós-graduação em Educação Bilíngue e é mestranda em Educação Clássica pela Southeastern University.

©2026. Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

INTRODUÇÃO

Os monstros estão presentes em nossa cultura há bastante tempo. Note que esse discurso distorcido é parasitário, dependendo de linguagens que permitam seu crescimento. O monstro está à margem, fora dos limites da sociedade, e, de várias maneiras, transcende o mundo visível e a natureza. O monstro é uma alegoria *dicti non (autem) facti*, um signo figurativo que aponta para um discurso espiritual, transcendente que revela verdades profundas. Mas também, pode existir como um signo literal.

Em seu sentido literal, representa o desconhecido. Raças, povos, pessoas e animais que estão além das fronteiras de um país, de uma cidade. Esse conceito é fortemente explorado na Idade Média. Apesar de parecer que, na Idade Média, o conceito de monstro era estável, pois estava claro que monstro era um ser maligno e perverso, essa não era a realidade. Williams (1939) nos mostra a complexidade do monstro no medievo. Lido de forma literal e figurativa, podia ser interpretado de inúmeras formas, alcançando ideias sombrias e até mesmo como pode ser um tipo de revelação divina. O monstro é uma figura controversa até hoje[2].

Segundo Christie (2020), o monstro representa a ansiedade da sociedade, suas preocupações com o futuro incógnito. A certeza de que algo virá, mas não sabemos como e nem o quê. Essa insegurança é refletida no monstro. Vencer o monstro é vencer a insegurança e a ansiedade, um medicamento, uma terapia para o ser humano. Esse é um dos aspectos; porém, o monstro não é apenas uma manifestação da ansiedade, bem como a expressão da realidade cruel e da violência humana. Atos grotescos, crimes hediondos, que por muitos são considerados inimagináveis, geram uma desconfiança na natureza boa do homem.

Posto isto, o monstro é a composição do pior dos homens, da natureza vil, que se opõe à ordem estabelecida na sociedade. Assim como o monstro contraria a natureza, desobedecendo sua proporção, sua harmonia, o homem que comete atos terríveis está se opondo à ordem das coisas, à sociedade, às regras sociais e morais que viabilizam a vivência humana. Desta forma, o monstro funciona como uma figura simbólica que revela distorções na moral humana, sendo, ao mesmo tempo, reflexo das ansiedades sociais e instrumento de crítica ética, especialmente quando analisada no contexto da educação moral. O presente artigo defende que a figura do monstro, ao representar tanto o mal externo quanto o interno, constitui um instrumento privilegiado de reflexão ética e formação moral do indivíduo.

UM INCÔMODO

De acordo com Blair, os monstros podem ser humanos ou não. Quando são humanos, passam por um processo de desumanização, sendo submetidos a ações que os tornam considerados

[2] CHRISTIE, Lauren. **The evolution of monsters in children's literature**. Palgrave Communications, 2020. 6. 10.1057/s41599-020-0414-7.

desumanos. Porém, o aspecto comum dos monstros não está na desumanidade, mas sim na capacidade de gerar insegurança em nós.

O monstro causa desconforto porque desafia o significado de ser humano, contestando tanto a sociedade quanto o conceito de herói. O monstro se opõe especialmente ao herói, pois questiona o senso de moralidade: sendo imoral ou amoral. O problema reside no fato de que os monstros não possuem uma moralidade semelhante à nossa, a moralidade humana.

Vivemos em um mundo marcado pela diversidade de visões e opiniões. Embora a moral seja concebida como objetiva, sua interpretação varia entre indivíduos e culturas. A Lei Moral Universal, apresentada por C. S. Lewis, sustenta que, em diferentes épocas e contextos, os seres humanos compartilham princípios básicos que orientam a conduta, premissas que conduzem ao Tao. Esse conjunto constitui a “linha reta”, expressão utilizada por Lewis (2014) para designar o padrão que permite distinguir as “linhas tortas” ao longo do percurso.

Nesse sentido, S. Armstrong (2025) argumenta que, na perspectiva lewisiana, a moral é objetiva em sua essência, ao passo que a subjetividade reside nas diferentes formas de sua interpretação e aplicação. Mas qual é a relação disso com o monstro? Podemos pensar no monstro como a personificação da linha torta, pois ele representa as múltiplas interpretações da moral. É importante ressaltar que estamos nos referindo à interpretação da moral, não à Lei Moral Universal propriamente dita.

A questão não reside tanto no conceito da moral ou na estrutura da Lei Moral, mas na variedade das interpretações pessoais. Isso ocorre também com os textos em geral: temos a tendência de afirmar que o texto é subjetivo, o que é verdade apenas em parte. O texto também possui um aspecto objetivo. Se, por exemplo, um texto fala sobre baleias, minha interpretação precisa estar relacionada a esse tema e abordar os assuntos tratados sobre baleias. Se houver um desvio do tema e a interpretação for sobre golfinhos, podemos até afirmar que é interpretação pessoal, mas ela estará errada.

A interpretação pressupõe que existe sentido em algo, e que esse algo é definido, concreto e objetivo. Isso significa que, com base nas informações do texto, o indivíduo é capaz de atribuir e perceber o sentido do que está sendo apresentado ou descrito.

Dessa forma, a interpretação possui um aspecto objetivo e um subjetivo. O subjetivo está relacionado ao contexto individual, à história de cada um e ao seu repertório. Ao ler, o sujeito estabelece relações com outros textos, experiências, sentimentos e com a trajetória de sua vida. O uso recorrente do pronome possessivo indica que o subjetivo envolve um fator pessoal, em que a pessoa olha para dentro de si e compreende e interpreta o texto.

Por vezes, a interpretação pode estar equivocada, pois, se não estiver em sintonia com a essência do objeto, ela se afasta drasticamente dele. Desse modo, a moral é objetiva, porém a maneira como as pessoas a interpretam a torna subjetiva. Nesse contexto de subjetivismo, existem diversas perspectivas, frequentemente em desacordo.

O monstro, como salientou Blair, é uma tentativa de lidar com essas visões dissonantes. Um exemplo evidente é o monstro de Shelley (2014), o Frankenstein. O terrível Frankenstein surge em um

contexto científico de estudo sobre a vida e a morte. O galvanismo, conceito nomeado em homenagem a Luigi Galvani, utilizava a eletricidade como forma de reanimar ou estimular organismos. A ideia surgiu após Galvani conseguir fazer as pernas de um sapo se contraírem ao conectá-las a uma carga elétrica (HITCHCOCK, 2007).

Segundo Hitchcock (2007), a autora, por meio do monstro, questiona dilemas éticos que permeavam a academia científica da época: a dualidade da eletricidade, os custos da inovação científica e a experimentação irresponsável, que, por vezes, atropela a ética em busca de resultados.

Outro exemplo é a mãe da criatura Grendel, em Beowulf. Tolkien (1983), em sua análise, revela que o monstro é fundamental para compreender a estrutura do poema. O monstro destaca o heroísmo e a bravura de Beowulf, assim como denuncia as vinganças de sangue ("blood-feud"). Na sociedade anglo-saxônica, eram comuns disputas violentas entre famílias, grupos e indivíduos por meio da retaliação. Os conflitos envolvendo a mãe de Grendel estão intimamente ligados à vingança de sangue. A morte de Grendel precisa ser vingada, e os responsáveis precisam pagar por isso, criando um ciclo infinito de violência e mortes motivadas por outras mortes.

Note que, em ambos os casos, os monstros estão intrinsecamente ligados a pontos de divergência. Em Shelley (1994), o monstro desafia a maneira como o ser humano lida com a ciência e compreende a vida. Em Beowulf, a aparente civilidade da sociedade revela-se frágil diante das disputas sanguinárias, em que o ciclo vicioso de violência persiste.

Os monstros nos fazem refletir sobre a forma como vemos nossa justiça, nossa virtude e nosso conceito de civilidade. Eles nos incomodam porque ultrapassam limites que normalmente não cruzaríamos, revelando que nossas visões podem estar equivocadas. De certa forma, o monstro assume um aspecto catártico, que purifica nossas paixões e revela que a justiça humana, a moralidade e até mesmo a visão sobre humanidade podem não condizer com a linha reta.

AS DUAS RESPOSTAS AO MONSTRO

Em muitas narrativas que envolvem monstros, o herói se depara com duas opções: eliminar a criatura ou se transformar em uma. A primeira é eliminar o monstro completamente, matá-lo e destruí-lo. O monstro, considerado a personificação do mal, não merece clemência, uma vez que o mal não se arrepende nem recua. Sem redenção, o mal persistirá em suas ações malignas. A única alternativa é a destruição total. Essa opção se alinha perfeitamente à ideia de que o monstro reflete o homem. Ao admitir a presença do mal e das trevas em si mesmo, o homem as aniquila.

O homem pode acender a luz sem antes se livrar das trevas que carrega dentro de si. Portanto, eliminar o monstro significa erradicar sua natureza corrompida, seu pecado e suas trevas internas. Atualmente, em algumas narrativas, como veremos adiante, o monstro é visto como uma vítima. Sua maldade não é percebida como algo que surge de dentro, mas sim de fora. Seus comportamentos malignos podem ser justificados por desavenças com a sociedade, experiências traumáticas ou carências.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

A maldade torna-se justificável. Porém, sabemos que muitas coisas podem ser explicadas, mas não necessariamente justificadas. O Drácula (STOKER, 1993) pode ter tido um passado complicado e obscuro recheado de traumas, mas suas atitudes não podem ser justificadas pelo tenebroso passado. O conde Drácula tem prazer na maldade, ele ama ver as pessoas sofrerem, ele adora a sensação de poder e controle que tem sobre suas vítimas.

Como Jonathan Pageau (2019) comenta, os vampiros, e principalmente a figura do Drácula, surgem num momento de discussão sobre as relações hierárquicas da sociedade. A Revolução Francesa, a Revolução Russa e a introdução do marxismo jogam luz aos problemas da aristocracia. O vampiro se alimenta e se sustenta da vitalidade do outro, do seu sangue; sendo assim, o conde Drácula, que é aristocrata em Stoker, denuncia as relações parasitárias dentro da sociedade do período de recepção do texto.

O padrão do vampiro parece se repetir na hierarquia. Pois os níveis mais altos se sustentam por meio do trabalho dos níveis mais baixos. Porém, a ideia não é criticar a hierarquia em si, mas sim a hierarquia descontrolada. A partir do momento em que a relação de necessidade não se torna uma via única, ela se torna uma relação vampiresca. A crítica do Drácula é pertinente. As relações hierárquicas que compõem a vida humana devem ser relações de mão dupla, em que os níveis mais baixos dão aos mais altos e os mais altos retornam conforme o que foi dado. O intuito não é centralizar a riqueza, mas distribuí-la de forma equitativa.

As histórias nos contam, por vezes, as origens dos monstros. Algo natural para uma história, visto que devemos ter um ponto de partida para introduzirmos um personagem. A vida do monstro é relatada para podermos entender o contexto, o espaço e tempo, o zeitgeist em que o monstro se encontra. A nova onda, como vemos em *Como treinar o seu dragão*, lançado em 2010, e *Donzela*, lançado em 2024, é utilizar as trágicas narrativas sobre monstros em que a forma como ele é retratado gera na audiência simpatia para com a criatura.

Inicialmente, ambos os filmes seguem a construção narrativa tradicional. As imagens da destruição, de morte, produzem associações negativas com os dragões, que consequentemente são caçados, como no caso de Como treinar o seu dragão. No filme *Donzela*, observamos o mecanismo de bode expiatório de René Girard. O rei, ao matar os filhotes do dragão, acaba tendo que pagar com a vida de suas filhas pelo erro, que geraria um abalo na estrutura daquela sociedade.

A solução é sacrificar três meninas com sangue nobre para satisfazer a ira do dragão. Elodie, filha de um regente do Norte, terra marginalizada e sofrida por causa do inverno, é dada como sacrifício para o dragão. A jovem desconhece o rito praticado por muitos anos e só se apercebe de que é um sacrifício quando é jogada no fosso. A trama se desenrola e o filme, que parecia ser uma história de um bode expiatório, torna-se uma história de um herói, seguindo uma cadeia como a exemplificada por Joseph Campbell. O desfecho do filme é inesperado. Assim como nas histórias de São Jorge, Hobbit e outras, é comum esperarmos a morte do dragão. No entanto, Donzela nos surpreende com um desfecho impressionante ao subverter as convenções do monstro.

Não apenas os homens, mas também o dragão, foram impactados pela injustiça, ganância e



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

violência. Ele é uma vítima, também foi ludibriado. A vivência da jovem e do dragão ao serem iludidos e forçados a cometer atos terríveis estabelece uma conexão entre eles. A garota age com empatia e apela para ela, em vez de matar o dragão. O dragão, antes marginalizado, alienado e, portanto, incompreensível, é visto como ameaça, transformando-se em um alvo de compaixão. A maldade do dragão não reside no fato de ser naturalmente maligno, mas nas circunstâncias e nos contextos que o fizeram ser assim.

Aquela ideia de que ele é a personificação do mal, ou o mal encarnado, se perde. Ele se torna mais uma vítima da sociedade mesquinha. Sendo assim, o espectador é levado juntamente com a protagonista, retira a culpa do dragão e encontra os culpados.

Apesar de a história também possuir alguns elementos do pensamento girardiano[3] e da jornada do herói de Campbell[4], *Como treinar o seu dragão* induz uma reação parecida com a de Elodie: nós nos identificamos com os dragões. No filme, o dragão é um animal visto negativamente, pois é desconhecido. Assim, é necessário contar a narrativa pela visão do dragão para podermos conhecê-lo. Existe um elemento adicional para estabelecer uma relação empática com o dragão. A história gira em torno de Bangela, um dragão preto e jovem que não possui um dos lados da cauda, e do jovem guerreiro Soluço, que não tem uma perna. A similaridade nos impedimentos do dragão e do menino é o campo fértil para a semente da amizade entre eles. Tanto Bangela como Soluço adquirem um aspecto de pacificadores, agindo diplomaticamente entre os homens e os dragões, originando uma aliança duradoura dos homens com os dragões.

O monstro deixa de ser tão monstruoso, pois ele foi moldado pela sociedade, pelas circunstâncias de sua vida miserável, para ser maligno. Esse novo tipo de monstro constrói uma narrativa distante da função primordial do monstro, pois torna a maldade algo banal. Assim, atribuímos a responsabilidade pela ação maligna de alguém a outra coisa, uma vez que quem optou pelo caminho perverso foi impelido a escolher tal comportamento. Aqui reside o problema, porque deslocamos a relevância da força do espírito humano que, frente a grandes desafios, a traumas passados e influências malignas, pode escolher fazer diferente e romper com o ciclo de violência e de crueldade, para um elemento que não temos controle sobre.

De acordo com Cohen (1996), monstros servem como instrumentos para preservar a ordem social, atuando como narrativas que alertam sobre comportamentos corretos e incorretos. Os medos, ansiedades e desejos humanos mais profundos são o berço das narrativas monstruosas. Esses sentimentos podem estar ligados a diversos aspectos da experiência humana, incluindo os sociais. Segundo Cohen,

> Os monstros são nossos filhos. Podem ser empurrados para os confins da geografia e dos discursos, escondidos nas margens do mundo e nos recônditos proibidos de nossa mente, mas sempre retornam. E, quando voltam, trazem consigo não apenas um conhecimento mais profundo de

[3] MERUJE, Márcio. GRIOT, José Maria Silva Rosa. **Sacrifício, rivalidade mimética e "bode expiatório" em R. Girard** Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil, v.8, n.2, dezembro/2013/www.ufrb.edu.br/griot .
[4] CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

> nosso lugar na história e da história de conhecer esse lugar, mas também autoconhecimento, conhecimento humano e um discurso ainda mais sagrado por surgir de fora (COHEN, 1996, p. 20).

Nesse sentido, Cohen (1996) compreende que os monstros são criações humanas, representações simbólicas da própria sociedade humana. Os monstros trabalham como avisos, denunciando o que é errado e perigoso. Os monstros retornam, porque novas preocupações, medos e inseguranças surgem. A figura do monstro é uma construção cultural que nos ajuda a manter a ordem, refletindo sobre dilemas éticos e ansiedades humanas.

A segunda escolha é se transformar em um monstro. Para entender melhor, devemos voltar à origem da palavra. Em latim, o verbo *monstrare* significava “indicar, apontar, denunciar”. O substantivo *monstrum* significava “prodígio, mau presságio, aberração”. Pode estar conectado com o verbo *monere*, que significa “avisar, advertir”.

Sendo assim, o monstro adverte, aponta para a maldade humana, para a realidade da violência e para os horrores da humanidade. Por vezes, ao sermos confrontados com tamanha maldade ou tamanho mal, podemos tender a utilizar a mesma arma que ele. Pois o mal parece sobressair ao bem de uma forma que a única opção se apresenta como tornar-se um mal maior para combater o mal, ou seja, fazer o mal ou ser mal, porque isso ao bem compensa.

Sendo assim, a solução que é apresentada em algumas histórias em que o bem só pode ser alcançado por meio do próprio mal torna-se caótica. Tornar-se um monstro não é reconhecer as trevas interiores, mas fazer um acordo com elas. E achar-se capaz de controlar o mal. Observe que Caim teve a chance de não abrir a porta para a maldade e a crueldade (Gênesis 4:6-7). No caso de Caim, o alerta é claro. Os monstros não apenas refletem os nossos medos e ansiedades sociais, mas também nossos desejos ilícitos. A metáfora do monstro funciona como uma representação de um mundo alternativo em que não vivemos dentro das regras e em harmonia uns com os outros. O monstro joga com as nossas noções de segurança e confiabilidade.

Ele possui a capacidade de usar uma linguagem muito específica. Ele se alimenta nas margens, nos limites da cultura, da linguagem, das normas. Seu poder reside na capacidade de transcender discursos convencionais, expondo e denunciando a realidade cotidiana para revelar uma verdade que vai além da experiência.

O MONSTRO INTERIOR

A princípio, essa perspectiva pode parecer estranha, mas ao examinar sua mente em busca de algo relacionado ao tema. É possível que sua mente tenha sido conduzida ao conto francês "Bela e a Fera" (BEAUMONT, 2011), no qual um príncipe encantado é condenado por sua própria maldade e egoísmo. Uma poderosa feiticeira disfarçada de mendiga lançou uma maldição sobre ele. Ao negar-se a ajudá-la, o príncipe foi castigado e transformou-se em uma fera.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

A transformação de homens em feras tem sido um tipo de história de monstro comum, estabelecendo uma relação da crueldade interior com a modificação externa. A monstruosidade interna torna-se revelada no exterior, alterando drasticamente o aspecto físico, no caso de “Bela e a Fera”.

Esse conceito não está distante de nós. No nosso cotidiano, temos a tendência de nos referirmos a uma pessoa que fez algo vil ou inimaginável como um monstro.

Outro exemplo encontra-se numa história mais antiga que a da Fera de Beaumont (2011). Na Bíblia, observa-se a história de um homem que se tornou um monstro, uma besta. O livro de Daniel nos conta sobre o rei Nabucodonosor. Em Daniel 4, Nabucodonosor, rei da Babilônia, era poderoso e seu reino prosperava imensamente. Porém, o relato bíblico nos conta que o pecado de Nabucodonosor, seu orgulho, o transformou em um monstro. Em Daniel 4, depois do episódio de sua transformação e da sua humilhação perante Deus, vemos uma carta enviada pelo rei a todo o seu povo reconhecendo o Altíssimo. O texto nos mostra que a única forma de vencer o monstro que existe no interior do homem é por meio do arrependimento.

Observa-se essa perspectiva no episódio de Eustáquio. O dragão interior, o monstro dentro de nós. Lewis usa a imagem de Eustáquio, primo de Lúcia e Edmundo, que, ao chegar no vale desconhecido, encontra um tesouro. A transformação de Eustáquio em um dragão é descrita da seguinte forma:

> Tinha se transformado num dragão enquanto dormia. Ao dormir sobre o tesouro de um dragão, com pensamentos gananciosos, típicos de um dragão, ele próprio acabara transformando em dragão (LEWIS, 2009, p. 443).

O interior de Eustáquio havia sido revelado para seus primos, Caspian e Ripchip, a tripulação que estava com eles na baía. Eustáquio sempre se julga o mais esperto, o mais educado, um benfeitor, aquele que sempre pensa nos outros e no bem comum. A transformação em dragão trouxe uma reflexão: os julgamentos antes proferidos por ele recaíam sobre sua própria consciência. Vemos claramente isso na seguinte passagem:

> Ao pensar nisso, viu que não tinha vontade de fazê-lo; preferia ser amigo dos dois. Desejava voltar para junto dos humanos, falar, rir e compartilhar com eles todas as suas coisas. Chegou à conclusão de que era um monstro, separado do resto da humanidade. Caiu sobre ele tristeza tremenda: via agora que os outros não eram tão maus como imaginara. E começou a pensar se ele próprio teria sido realmente aquela excelente pessoa que sempre julgava ser (LEWIS, 2009, p. 443).

Ele se transformou em dragão porque seu coração era de um dragão, "com pensamentos gananciosos, típicos de um dragão" (LEWIS, 2009, p. 443). O dragão, nesse contexto, representa o mal interno que se manifesta por meio da deformação, do bizarro, do grotesco e da feiura, tornando-se uma criatura aterrorizante, como no caso de Eustáquio. Ganancioso, egoísta e arrogante, o dragão simboliza essa maldade interna.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

O MONSTRO E A EDUCAÇÃO

A educação moral é um aspecto importante no desenvolvimento da criança, pois influencia na formação do seu caráter. Além disso, o contexto educacional contemporâneo exige abordagens cada vez mais complexas e integradas, capazes de considerar diferentes dimensões do desenvolvimento humano (DE CARVALHO; DE BONA, 2024). Numa perspectiva cronológica, observamos que o aspecto moral do homem foi trabalhado na educação em diversos períodos históricos. O homem grego devia cumprir os deveres e normas que envolviam a cultura grega; ele devia buscar a virtude e a excelência. Essa busca não era apenas para convivência em sociedade, mas também para o próprio homem. Como bem descreveu Davidson,

> No ensino de Platão, encontramos pela primeira vez reconhecido e exibido, o homem extracívico ou supracívico, o homem que não é um mero fragmento de um todo social, totalmente subordinado a ele, mas que, estando acima da sociedade, a molda de acordo com as ideias derivadas de uma fonte superior (2022, p. 135).

No contexto da Grécia Antiga, existiam distinções entre as cidades. Lewis (1914) mostra que, em Esparta, a preocupação era com uma formação moral voltada para o Estado, enquanto em Atenas era voltada para o indivíduo. Porém, independentemente de qual direção a moralidade estava voltada, ela era um componente essencial para a educação do homem grego. Como afirmou Jaeger (1995), sobre a educação, “o seu conteúdo, aproximadamente o mesmo em todos os povos, é ao mesmo tempo moral e prático". Os gregos consideravam que a educação tinha como um dos seus objetivos desenvolver e aprimorar o caráter moral da criança, tornando-a um bom cidadão, que irá participar da sociedade (LASCARIDES e HINITZ, 2013). A sociedade grega era uma sociedade orgânica. Isso porque as cidades eram formadas por tribos, que eram formadas por fratrias, que eram formadas por famílias. Dessa forma, a dinâmica da cidade não se diferenciava tanto da família; embora o tamanho e a proporção fossem maiores, as relações eram, de certa maneira, refletidas. Assim, o progresso da moral pessoal se refletiria nas atitudes do indivíduo em suas relações com os demais.

No Antigo Egito, o indivíduo alfabetizado iniciava um resumo sobre sua vida e personalidade que iria ser inscrito em seu túmulo. Esse resumo continha declarações sobre sua condição moral. Essas declarações relatavam suas ações consideradas corretas e seu desgosto pelas que julgava más. O homem egípcio entendia que seu conhecimento do certo e do errado estava ligado ao seu eu. Consequentemente, ele se via como uma pessoa moldada pelos seus traços inatos, que poderiam ser bons ou ruins. Esses traços deviam ser cultivados pelo crescimento, pela experiência e pela educação. O egípcio considerava seus deuses como os juízes das ações morais das pessoas. No fim da vida, eles seriam seus corações pesados em uma balança. De um lado estaria o coração do sujeito e, do outro lado, a pena de Maat (CÂMARA, 2011). O egípcio compreendia que a forma como ele agia poderia resultar em sucesso e felicidade ou em fracasso. Essa visão moral se revelava, por meio de uma ética social que abrangia toda a sociedade. Isso incluía grupos mais próximos, como familiares, amigos e vizinhos, até a nação inteira, como também povos estrangeiros (LICHTHEIM, 1994).



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

Com o passar do tempo, a educação moral foi sendo negligenciada ou considerada um aspecto secundário. No entanto, como aponta Hafizi (2023), ela é fundamental não apenas para o ensino de normas morais, mas também para a construção de uma base sólida para a tomada de decisões. Dentro desse contexto, a análise da figura do monstro não se limita ao campo literário ou simbólico, mas possui implicações diretas no âmbito educacional, especialmente na formação ética do indivíduo.

Ao representar tanto o mal externo quanto o mal interior, o monstro torna-se uma ferramenta pedagógica poderosa, capaz de provocar reflexão sobre a natureza humana, a moralidade e a responsabilidade individual. Nesse sentido, práticas contemporâneas de ensino têm enfatizado a necessidade de estratégias que promovam a participação ativa do estudante e o desenvolvimento do pensamento crítico, indo além da mera transmissão de conteúdos (JUNIOR et al., 2022). A apresentação e o estudo de narrativas com monstros possibilitam o desenvolvimento do pensamento crítico e da autorreflexão, uma vez que expõem conflitos éticos e morais humanos. Nesse sentido, o desenvolvimento da leitura e da interpretação mostra-se essencial para a formação do aluno, contribuindo diretamente para a construção de sentido e reflexão crítica (MARQUES, et al, 2021). O professor, ao utilizar essas narrativas, proporciona um espaço em que o estudante pode questionar suas próprias concepções éticas, confrontando-se com dilemas que exigem discernimento e julgamento moral.

Além disso, o monstro, ao revelar as distorções da moralidade humana, evidencia a importância de uma formação ética que vá além do relativismo. Como observado ao longo deste artigo, a tendência contemporânea de justificar a maldade a partir de fatores externos enfraquece a responsabilidade individual. Nesse sentido, a educação desempenha um papel fundamental ao reafirmar a capacidade humana de escolha, mesmo diante de circunstâncias adversas.

Dessa forma, o uso da figura do monstro no ambiente educacional não pode ser reduzido a um mero elemento lúdico ou narrativo, mas deve ser visto como um instrumento formativo. Ele permite abordar questões como justiça, virtude, responsabilidade e natureza humana, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes de suas ações e de seu papel na sociedade.

CONSIDERAÇÕES

A análise da figura do monstro ao longo de diferentes contextos culturais, literários e históricos evidencia sua complexidade simbólica e sua relevância para a reflexão ética. Longe de ser apenas uma representação do mal externo, o monstro também revela dimensões internas da condição humana, expondo tensões entre moralidade, responsabilidade e natureza humana.

Partindo de contribuições de autores como Jeffrey Jerome Cohen e C.S. Lewis, compreende-se que o monstro não apenas reflete ansiedades sociais, medos e preocupações, mas também funciona como um instrumento de crítica que evidencia desvios em relação a princípios morais objetivos. Nesse sentido, sua presença nas narrativas permite que o indivíduo reflita tanto sobre a ordem social quanto sobre as interpretações subjetivas da moral.



REVISTA CIENTÍFICA ACERTTE
ISSN 2763-8928

No campo educacional, a figura do monstro mostra-se particularmente relevante, pois possibilita a problematização de dilemas éticos e o desenvolvimento do pensamento crítico. Ao confrontar o indivíduo com representações do mal, seja como elemento externo ou interno, essas narrativas incentivam a autorreflexão e reforçam a importância da responsabilidade moral e da formação moral do sujeito.

Conclui-se, portanto, que o monstro, enquanto construção simbólica, pode constituir um recurso pedagógico significativo para a formação ética, ao promover não apenas a compreensão da moralidade, mas também o reconhecimento da capacidade humana de escolha diante do bem e do mal.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, S. **My Essays on C.S. Lewis**. [s.l.]: Super Gringo Books, 2025.

BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince de. **La Belle et la Bête et autres contes**. Paris: Larousse, 2011.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BLAIR, C. Making society uncomfortable: why monsters matter? In: **Sirens: collected papers 2009–2011**. Lulu.com, 2012. p. 117–134.

CÂMARA, Giselle Marques. **MAAT: o princípio ordenador do cosmo egípcio**. 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.

CHRISTIE, Lauren. The evolution of monsters in children's literature. **Palgrave Communications**, v. 6, 2020.

COHEN, Jeffrey Jerome. **Monster Theory: Reading Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

DAVIDSON, Thomas. **Aristóteles e os ideais antigos da educação**. Campinas: Kírion, 2022.

DE CARVALHO, Maria Isabel Mello Costa; DE BONA, Viviane. Educação bilíngue no Brasil: estudo a partir de produções acadêmicas sobre o ensino de língua estrangeira para crianças em um contexto multicultural. **Revista Científica Acertte**, v. 4, n. 3, p. e43178, 2024.

GIRARD, René. **Teoria mimética: conceitos fundamentais**. São Paulo: É Realizações, 2015.

HAFIZI, M. Zainul. The importance of moral education in the formation of children's character. **International Journal of Graduate of Islamic Education**, v. 4, 2023.

HITCHCOCK, Susan Tyler. **Frankenstein: a cultural history**. New York: W. W. Norton, 2007.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

JUNIOR, José Carlos Guimarães et al. Práticas contemporâneas no processo ensino aprendizagem. **Revista Científica Acertte**, v. 2, n. 12, p. e212119-e212119, 2022.

LASCARIDES, V. Celia; HINITZ, Blythe F. **History of early childhood education**. New York: Routledge, 2013.

LEWIS, C. S. **A abolição do homem**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

LEWIS, C. S. **As crônicas de Nárnia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

LEWIS, Chas H. **The moral education of the early Greeks**. 1914. Dissertação (Mestrado) – The Ohio State University, 1914.

LICHTHEIM, Miriam. **Moral values in ancient Egypt**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997.

MARQUES, Flávia Teixeira et al. A importância da leitura e escrita no desenvolvimento do aluno: Centro Estadual de Tempo Integral Paulistana. **Revista Científica Acertte**, v. 1, n. 6, p. e1647, 2021.

PAGEAU, Jonathan. **The meaning of vampires**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=n2B8Ksda6Fs. Acesso em: 31 maio 2024.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu moderno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Mineola: Dover Publications, 1994.

STOKER, Bram. **Drácula**. Porto Alegre: L&PM, 1993.

TOLKIEN, J. R. R. **The monsters and the critics and other essays**. London: George Allen & Unwin, 1983.

WILLIAMS, David. **Deformed discourse: the function of the monster in mediaeval thought and literature**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 1939.